



AS FACES DE JOHN L. DUBE: a memória como artefato de dominação e de luta contra a humilhação na África do Sul¹

Antonio Evaldo Almeida Barros²

RESUMO: Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes e dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Na África do Sul contemporânea, as lutas em torno da memória da nação configuram um campo privilegiado para entender formas de dominação e de resistência social. Nesse contexto, destacam-se os diferentes modos como o fundador do Congresso Nacional Africano, John Dube (1871-1946), vem sendo apropriado pelos setores sociais do Apartheid (1948-1994) aos dias atuais, quando se tenta redefinir a nação sul-africana e re-instituir o que seria digno de rememoração nacional.

ABSTRACT: Become masters of memory and forgetting is a major concern of classes and individuals that have dominated and dominate historical societies. In contemporary South Africa, the struggles around the memory of the nation constitute a privileged field to understand forms of social domination and resistance. In this context, it highlighted the different ways in which the founder of the ANC, John Dube (1871-1946), has been appropriated by the social sectors from Apartheid (1948-1994) to the present day, when attempting to redefine the South African nation and re-establish what would be worthy of national commemoration.

Key words: Joh Dube. Memory. Nation. Domination.

¹ Este artigo consiste numa adaptação de elementos de tese de doutorado defendida em 2012 no Programa de Pós-Graduação em Estudos Étnicos e Africanos da Universidade Federal da Bahia. Ver Barros (2012).

² Doutor. Universidade Federal do Maranhão (UFMA). E-mail: eusouevaldo@yahoo.com.br



1 INTRODUÇÃO

John Langalibalele Mafukuzela Dube nasceu em Natal, na África do Sul, em 1871. Era filho de pais que se converteram ao cristianismo na American Zulu Mission (AZM) na segunda metade do século XIX, Elizabeth Mayembe e James Dube. Os missionários e os africanos convertidos pareciam acreditar na necessidade do progresso do continente africano, o que dependeria da articulação entre formação educacional, sobretudo de caráter técnico, e propagação do cristianismo. Se, de um lado, suas ações, sedimentadas, sobretudo, em formas ocidentais de conceber o mundo, se consolidariam em meio a dissensos e enfrentamentos, particularmente, quando se atenta para os valores e as práticas costumeiras comuns aos diferentes povos africanos, de outro, acabariam levando à consolidação de setores africanos cristianizados e educados em padrões ocidentais.

Em Natal, John Dube foi educado em instituições ligadas à AZM. Em 1887, viajou com um missionário cristão para os Estados Unidos, onde teve passagem pelo Oberlin College cuja filosofia articulava ideais de educação e trabalho, e que, em 1835, havia se tornado a primeira instituição norte-americana de ensino superior a admitir estudantes negros e do sexo feminino. Em 1901, Dube adquiriu 200 acres de terra no distrito de Inanda, em Natal, onde em poucos anos construiu sua escola, que também funcionava como igreja, o Instituto Ohlange, e atendia inicialmente cerca de 200 alunos. Ao mesmo tempo, ele fundou o primeiro jornal zulu-ínglês, *Ilanga lase Natal (O Sol de Natal)*, que parece ter-lhe ajudado a estabelecer sua reputação política.

Dube participou, em 1909, das reuniões dos africanos contrários ao Act of Union que, dentre outras coisas, criava as condições legais para a instituição oficial de práticas segregacionistas que se consolidariam formalmente anos depois, com o Apartheid (1948-1994). Em 1912, Dube se tornou o primeiro presidente do South African Native Congress que, posteriormente, se definiria como African Native Congress (ANC) ao qual, ao longo do século XX, a maioria dos principais líderes sul-africanos estaria vinculada, como Nelson Mandela. Dube se opusera ao Native Land Act de 1913, que destinara 87% das terras sul-africanas para os brancos, acompanhando uma delegação de africanos que, em 1914, se dirigiu a Londres para protestar contra essa lei. Em 1917,



ele foi deposto – ou deixara – a presidência do ANC num contexto de divergências de opinião sobre os princípios e implicações práticas da segregação. Nos anos 1930 e 1940, participaria esporadicamente de ações no âmbito do ANC.

Em 1931, Dube parece ter sido bastante ativo nas negociações das chamadas “cartas dos nativos” de James Hertzog (1866-1942), projeto de leis apresentado no parlamento e cuja intenção era permitir que os negros se desenvolvessem à sua própria maneira, em suas próprias áreas, princípios estes que acabaram sendo aprovados, através de atos legais, em 1935, o que se deu paralelamente ao progressivo processo de remoção de africanos negros de suas áreas originais: alguns vêem a participação de Dube neste episódio como no mínimo ambívia. Em 1935, ele se tornaria, embora por um curto período, membro da All-African Convention, que unia africanos negros de diferentes tendências políticas e cujo objetivo era promover os direitos dos africanos através de boicotes e outros mecanismos. De 1936 até sua morte, em 1946, quando foi substituído por Chief Albert Luthuli, John Dube representou Natal no Native Representative Council.

Essa apresentação sumária do itinerário de John Dube (1871-1946) permite vislumbrar como ele se tornou uma figura central da história e memória sul-africana moderna. Embora submetido a diferentes versões e perspectivas, o interesse pela sua história é inseparável do conjunto de papéis e cargos por ele exercidos e das sucessivas tomadas de posição que adotou no espaço público. Porém, se essas realizações são bem conhecidas por aqueles que têm se interessado por sua vida e obra, não menos significativo é observar que os discursos e práticas atribuídos a Dube não costumam ser trazidos à tona de modo despropositado; a eles são destinadas ênfases e interpretações de natureza política, acadêmica ou artística, situadas no contexto social e histórico de seus produtores, numa cadeia de interpretações que envolve, além de Dube, homens e mulheres que com ele conviveram ou que, posteriormente, o tomaram como objeto de suas narrativas.

É precisamente com esse conjunto heterogêneo de discursos e práticas relacionados a John Dube, construídos por ele próprio e por diferentes intérpretes, que este trabalho se ocupa. Ora, é preciso considerar que um capítulo significativo da história das lutas dos diferentes grupos e setores subalternos contra a exploração, a dominação e



a humilhação, é aquele que se expressa através das batalhas pela própria memória da nação nas quais esses grupos se situam.

2 DEFININDO A MEMÓRIA DA NAÇÃO

Há pelo menos duas tendências significativas entre aqueles que, de final do século XIX ao início do século XXI, têm tomado John Dube como objeto ou sujeito de interesse. Essas formas de conceber e inscrever Mafukuzela parecem se relacionar tanto às opções que ele de fato tomara ao longo de sua vida quanto aos modos como os próprios intérpretes tendem a se posicionar diante dos atos, palavras e silêncios de Dube, e em relação a elementos que marcariam política, econômica e culturalmente a própria história da África do Sul, a exemplo do apartheid. Os intérpretes de John Dube, muitas vezes, parecem estar menos interessados em Dube do que nas causas que teriam levado à institucionalização ou às diferentes formas de resistência e superação do processo de implementação do Apartheid. Tudo acontece então como se esses discursos sobre Mafukuzela servissem tanto para ativar problemáticas em voga na África do Sul como, simultaneamente, para legitimar as continuidades ou mudanças de orientação política na cena pública.

Assim, de um lado, há aqueles que tendem a identificar John Dube como colaborador direto ou indireto do processo de implementação do regime segregacionista sul-africano. Embora se possam observar registros e focos dessa tendência de interpretação da vida de Dube em diferentes momentos e contextos da história da África do Sul contemporânea, tudo indica que ela seja dominante nos anos do Apartheid, particularmente entre as décadas de 1940 e 1970. Aqui, Dube pode ser visto como fantoche dos brancos, incentivador da solidariedade racial; numa expressão, promotor do apartheid. John Dube seria o retrato de como ser fraco e ambíguo diante das forças sociais, políticas e econômicas da história sul-africana, e da luta contra a opressão social e racial.

De outro lado, há aqueles que posicionam John Dube como personagem central das lutas históricas contra a segregação racial, inscrevendo-o, como ocorre paradigmaticamente nos dias atuais, como uma espécie de herói sul-africano. Também



neste caso se podem observar registros desta tendência em diferentes décadas e situações, como nas representações sobre Dube produzidas por sua família e grupo social nos anos 1970 no âmbito dos *izibongos*³ que lhe foram dedicados. Mas este padrão interpretativo se tornaria claramente dominante na África do Sul pós-Apartheid, particularmente no contexto de invenção da África do Sul como *Rainbow Nation*. Aqui, Dube é reabilitado como sujeito absolutamente envolvido nas lutas pela liberdade, opositor inteligente de ações e movimentos que visavam instituir o Apartheid, e cuja vida seria exemplo de que nas origens da nação sul-africana moderna haveria formas claras de relações raciais harmônicas entre brancos e negros. John Dube seria, portanto, o retrato de como ser forte diante das forças sociais, políticas e econômicas da história e na luta contra a opressão social e racial; um exemplo heróico para ser seguido numa África do Sul que se pretende como nação caracterizada pela diversidade cultural e étnica.

Se as percepções sobre a existência de Dube são variadas, todos os biógrafos, documentaristas e comentaristas concordam em ao menos dois pontos: de um lado, ele não se confunde com um indivíduo ordinário ou socialmente insignificante, o que ajuda a explicar a profusão de dispositivos empregados para produzir, atualizar ou questionar o legado desse personagem; de outro lado, devido a essa primeira condição, uma vez liberado da condição estritamente biológica, a existência de John Dube pode então assumir uma dimensão pública, permitindo a sua utilização como objeto de diferentes estratégias e tramas de competição política e batalhas pela memória da nação.

Em segundo lugar, e paralelo a hipótese de que existe uma relação direta entre as formas de conceber Dube e os modos de interpretar a história das relações raciais e o processo de definição da própria nação sul-africana, sugiro também que as intervenções teóricas e práticas de e sobre John Dube tanto se alicerçam quanto fomentam determinadas concepções de história e memória, desenvolvimento, raça, cultura e nação. Nesse contexto, torna-se possível vislumbrar um processo contínuo e heterogêneo, de nomeação, de definição, mas também de auto-inscrição da região sul-

³ Izibongo refere-se a louvores entoados em honra de uma pessoa, trata-se de um gênero de louvor poético, de poesia oral, comum entre os zulus, uma espécie de poesia ou louvor com características metafóricas, laudatórias, elogiosas e no qual se narram feitos históricos de uma pessoa que já morreu, sobretudo reis e aqueles que são heroificados. Imbongi é a pessoa especializada em proferir o izibongo.



africana de Natal e dos zulus, em particular, e da África e dos africanos e negros, em geral.

É possível que o modo como John Dube e aqueles que o têm tomado como objeto de interesse concebem os processos sociais e históricos nos quais a África do Sul e seus povos estiveram envolvidos se relacione e seja mesmo derivado dos modelos de história e desenvolvimento, comumente definidores de certas concepções de nação, no qual esses intérpretes consciente ou inconscientemente se fundamentam. Neste contexto, seriam dominantes concepções progressistas de desenvolvimento social e histórico, tidas como inevitáveis e universais, embora perspectivas diferentes que levariam em conta as especificidades culturais, por exemplo, também possam ser observadas.

A própria possibilidade de realização desta pesquisa encontra-se relacionada sobremaneira aos eventos que marcariam as tentativas de imprimir, controlar e definir os documentos que deveriam ser preservados para a construção da história da África do Sul. A maioria dos documentos trazidos aqui à tona foram identificados na Killie Campbell Africana Library (KCAL), em Durban, e no Alan Paton Centre (APC), em Pietermaritzburg, ambos arquivos da University of Kwazulu-Natal, e fundados a partir dos anos 1970, quando a história social e as perspectivas históricas revisionistas, começaram a influenciar o programa do Sistema de Arquivos da África do Sul, até então avesso ao registro da memória dos diferentes grupos sociais que constituíam a base da sociedade, a exemplo da população negra. A importância desses arquivos torna-se ainda mais relevante quando se tem em conta que, entre 1990 e 1994, de acordo com investigações da Truth and Reconciliation Commission (TRC), houve a destruição oficial, sistemática e seletiva de certos registros, numa tentativa de levar ao esquecimento certas histórias e memórias, o que envolveu os mais altos estratos do governo e do Estado (HARRIS, 2002: 64).

Saliente-se também o impacto que as diferentes mídias digitais parecem ter no processo de proliferação de determinadas representações sobre John Dube. Há um arsenal não desprezível de informações sobre ele na rede mundial de computadores. Neste caso, a construção da *Rainbow Nation*, pelo menos através da releitura que é feita de John Dube na história recente, dar-se-ia tanto através de sua recuperação biográfica acadêmica (GASA, 1999; HUGHES, 2011) quanto, e talvez sobretudo, através de um



multifacetado processo de disseminação digital que tem em comum consolidar uma imagem relativamente homogênea de John Dube, na qual são obliterados e relidos aqueles seus atos e ações que pudessem levar a uma leitura deslocada de sua construção como herói da nação arco-íris.

Em seu próprio tempo, John Dube não costumava passar despercebido nem entre os negros nem entre os brancos. Já nas cartas de recomendação de seu *A talk upon my native land*, disponibilizadas ao final do livro, detalhes da personalidade, do comportamento e da visão de mundo do jovem John Dube são delineados pelos observadores missionários norte-americanos. W. B. Crittenden (1891: 34, grifos do autor), por exemplo, que foi professor de Dube no Oberlin College, lembra que ele “é um garoto brilhante, inteligente e, acima de tudo, *cristão* [...] Sua habilidade como palestrante sobre a sua terra de origem há muito já foi comprovada”. Para ele, o jovem zulu estaria nos EUA obtendo a “educação necessária para a regeneração de seu povo no continente negro”.

Dube também despertara atenção de autoridades brancas de Natal. Em 1906, o governador da região afirmava que ele era “um etíope destacado que precisa ser observado”. Em 1908, F. R. Moor, que era visto como um homem branco raro, já que teria alguma simpatia pelos africanos, via Dube como “um personagem inteiramente excepcional” (MARKS, 1975: 164; 170).

Dube, ainda em vida, receberia algumas das mais significativas honrarias possíveis para um homem negro na África do Sul de seu tempo. Em 1936, foi anunciado pelo jornal *The Natal Advertiser* o título honorário de Doutor em Filosofia a ele conferido pela Universidade da África do Sul.

O poeta zulu Benedict Wallet Vilakazi (1906-1947) fez-lhe um tributo quando de sua morte. Caracterizara Dube como “o maior homem negro da época missionária na África do Sul”. E destaca que “na morte de Dr. John Langalibalele Dube [...] verdadeiros sul-africanos, sejam brancos ou negros, perderam uma grande figura”. (VILAKAZI, 1946).

Ao tocar na memória da vida de John Dube, Shula Marks (1975), que escreve durante o Apartheid⁴, parece ter sido bastante influenciada pela situação da África do Sul dos anos 1970, a traduz como existência encapsulada pelo seu tempo. Assim, Dube teria sido incapaz de negociar com o radicalismo urbano que emergiu nos anos após a

⁴ Sobre o Apartheid ver, dentre outros, Coetzee (1991); Posel (1999).



Primeira Guerra Mundial, tendo respondido pela adoção de uma abordagem étnica que acordou com o pensamento segregacionista e serviu para subvalorizar a solidariedade de classe e, portanto, contribuíra para a consolidação do Apartheid.

Então professor de estudos afro-americanos da Columbia University, William Manning Marable (1950-2011), em 1976, conclui em seu estudo sobre Dube: “seu fracasso, e o fracasso de sua sociedade Kholwa, em apreciar o caráter corrupto da segregação e em se opor ao racismo branco em todos os níveis, ajudou a trazer o sistema de relações raciais da África do Sul chamado apartheid”; “a história pessoal de Dube é, de modo geral, a história de uma derrota do espírito humano. As maiores metas que Dube e seus amigos políticos perseguiram e as táticas de curto alcance da pequena classe média negra de Natal ajudaram a criar o regime anti-humano no sul da África” (MARABLE, 1976: iii).

Em carta endereçada a Nelson Mandela, em junho de 1948, o líder radical Isaac Tabata (1906-1990), fundador do Non-European Unity Movement, acusa Dube de ter sido “um fantoche” nas mãos dos brancos: “a imprensa branca o aclamava como um grande estadista, um moderado, um político prático e, de fato, um epítome de todas as virtudes”. Dube teria levado “os zulus de volta ao tribalismo, onde eles ainda continuam estagnados hoje” (TABATA, 1948).

Mas há outros lugares sociais a partir dos quais Dube é resgatado na África do Sul do Apartheid. Em 5 de outubro de 1974, um sábado, S. D. Ngcobo, então diretor da Ohlange High School, gravou o poeta e cantador Mbutho recitando o izibongo de John Dube no cemitério daquela escola. O izibongo de Dube é constituído por 485 versos, oferece uma lembrança das ações políticas e religiosas, das qualidades pessoais, e também a avaliação de Dube por seus companheiros. Os eventos são narrados cronologicamente, do nascimento à morte de Dube. O izibongo começa com algumas lamentações acerca de sua morte. Inicialmente, indica-se que a morte de Dube retirou do meio do povo um dos maiores filhos da África. Mostram-se as dificuldades que ele teve durante sua vida até sua morte. Apresenta-se Dube como um homem que superou significativos obstáculos, trabalhado nos bons e maus momentos pela grandeza do continente africano. Destaca-se que suas atividades políticas se estenderam para diversos lugares, como a Suazilândia, Lesoto, Rodésia e outras partes de África, e que



Dube percebeu que nenhum povo podia confiar inteiramente em meios de comunicação que não são controlados e produzidos por aqueles que fazem parte dele, por isso fundou *Ilanga lase Natal* em 1900, para assim apresentar suas aspirações, esperanças e pontos de vista. Afirma-se que *Ilanga lase Natal* se tornou um dos meios de comunicação mais importantes para a expressão africana, uma arma poderosa na batalha pelo progresso e libertação de África. Pondera-se que Dube enfatizou a necessidade de educação industrial e acabou aparecendo para alguns como apoiador da visão de que o negro só estaria preparado para um papel que envolvesse o uso de suas mãos, em vez de sua mente. Salienta-se que Dube era um homem muito religioso, e que realizara mais feitos do que Booker Washington. Dube teria sido fundamental para todo o continente africano.

Antes restrita a espaços mais privados, como sua família, sua escola e seu grupo social, essa imagem de Dube e de seus feitos, como delineada em seu izibongo por Mbutho, será dominante nas formas de apreender John Dube na chamada *Rainbow Nation* do pós-Apartheid. Capítulo de uma “memória subterrânea” (POLLAK, 1989; 1992), já que seu conteúdo é predominantemente contrário e se defronta com a concepção oficial de nação na África do Sul do Apartheid, a representação de Dube, como vista em seu izibongo, passará a ser uma das linhas de um novo tecido de nação, a nação arco-íris.

No dia 27 de abril de 1994, nas primeiras eleições gerais da história da África do Sul democrática, Nelson Mandela votara no Instituto Ohlange, distrito de Inanda, em Durban. Escolheu também, no mesmo instituto, o túmulo de John Dube para fazer seu primeiro pronunciamento de agradecimento pela vitória, afirmando: “Senhor Presidente, eu vim para dizer que a África do Sul está livre hoje”. Nas palavras de Langa Dube (neto de Dube), “o presidente Mandela tinha vindo para se conectar com o espírito do meu avô para que ele pudesse ter a força e a sabedoria necessária para liderar o país” (Obelin-Inanda.. 2006). Esse ato de Mandela, o maior ícone da *Rainbow Nation*, seja porque constitui um de seus símbolos centrais seja porque é seu principal idealizador, é comumente lembrado nas diferentes formas através das quais John Dube é imaginado, analisado e inscrito.

No dia 17 de maio de 2012, em cerimônia ocorrida com a presença de diversos membros do governo, o presidente da África do Sul, Jacob Zuma, presidiu a



cerimônia de renomeação da residência oficial da presidência e vice-presidência da república, em Durban, Kwazulu-Natal. A antiga King's House passaria a se chamar Dr. John Langalibalele Dube's House. Para Zuma, “o objetivo deste processo não é obliterar a história de qualquer seção da nossa sociedade”, mas “contribuir para a construção de uma sociedade inclusiva que reconheça os nossos destinos, nacionalidade e herança comum”. Assim, “somente aqueles que negam as práticas desumanas e atrocidades perpetradas contra as populações nativas por potências coloniais em toda a parte do mundo que poderiam pensar que a ação que estamos realizando não é necessária e importante”. “Não é a intenção do governo sul-africano destruir o patrimônio e a história diversa de parte da população sul-africana”, mas “é necessário que se reconheçam as realidades do período horrível da colonização e do Apartheid. Não podemos nos iludir sobre a nossa história, que tem sido repleta de dor e sofrimento para a maioria, por mais de três séculos”. “A dor associada com a erosão da própria existência do nosso povo não pode ser quantificada, e não pode ser desfeita. O processo de renomeação vai ajudar a restaurar um senso de identidade e de orgulho nacional entre o nosso povo, e também irá ajudar na reconstrução da história de muitos lugares na África do Sul”. “Embora mudando os nomes, também é importante manter os artefatos históricos armazenados com segurança, para que as gerações futuras possam ser capazes de ver as voltas e as dores da nossa história, e garantir que elas não repitam o sofrimento do passado”: uma verdadeira “celebração da nativização da África do Sul”. (ZUMA, 2012).

3 CONCLUSÃO

Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. (LE GOFF, 1992, p. 426)

O fato é que continuam sendo múltiplas as lutas e tensões, simbólicas e sociais, por meio dos quais a fabricação da nação se expressa. Este é um fenômeno marcado por contínuos processos de vizibilização e invisibilização de determinados patrimônios. John Dube, outrora invisibilizado na arena pública do imaginário nacional, é conduzido ao centro do projeto nacional.



Enfim, fundando-se museus e monumentos, renomeando-se ruas e prédios oficiais, homenageando-se e criando-se heróis, revigorando-se e reinventando-se costumes e tradições antigos, transformando-se dias e meses em período de homenagens ao patrimônio de lutas do país contra a opressão, dando-se, enfim, legitimidade oficial para certo tipo de memória, através de diferentes meios, inclusive digitais, a *Rainbow Nation* vai sendo esculpida simbolicamente enquanto tal. Identificar e celebrar esse patrimônio significaria destacar, sobretudo, as lutas pela liberação que visariam a coesão social, o desenvolvimento econômico e a cidadania inclusiva. Nesse contexto, são homenageados e recuperados aqueles que, como John Langalibalele Dube, teriam dedicado suas vidas para garantir que o país alcançasse a liberdade e a democracia.

Como todo projeto de nação, este também parece se basear na promoção utópica da igualdade e da liberdade, que se anunciam como sendo para todos e todas, mas como outros artefatos nacionais, parece também se fundar em desigualdades, obliterações e dissensos, sendo melhor para alguns que para outros.

REFERÊNCIAS

BARROS, A. Evaldo A. **As faces de John Dube: Memória, História e Nação na África do Sul**. 2012. 205f. Tese (Doutorado em Estudos Étnicos e Africanos) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2012.

COETZEE, R. M.. The mind of Apartheid. Geoffrey Conjré (1907-), **Social dynamics**, n. 17, p. 1-35, 1991.

CRITTENDEN, W. B. Letter... In.: DUBE, John Langalibalele. **A familiar talk upon my native land and some things found there**. [s. e.], 1891.

DAVIS JR., R. Hunt. John L Dube, a South African Exponent of Booker T. Washington, **Journal of African Studies**, v. 2, n. 4, 1975-6.

GASA, Enoch Doctor. **John L. Dube, his Ilanga lase Natal and The Natal African Administration, 1903-1910**. 1999. Tese (Doctor of Philosophy) – Department of History at the University of Zululand, 1999.

HARRIS, Verne. The Archival Sliver: Power, Memory, and Archives in South Africa. **Archival Science**, v. 2., p. 63–86, 2002.



HUGHES, Heather. **First President. A life of John L. Dube, founding president of the ANC.** Johannesburg: Jacana, 2011.

LE GOFF, Jacques. **Memória e História.** Campinas: Editora UNICAMP, 1992.

MARABLE, Maning. **African Nationalist. The Life of John Langalibalele Dube.** 1976. Tese (Doctor of Philosophy) – Faculty of the Graduate of the University of Maryland. Michigan: USA, Xerox University Microfilms, 1976.

MARKS, Shula. The ambiguities of dependence: John L. Dube of Natal. **Journal of Southern African Studies**, v. 1, n. 2, abr. 1975.

POLLAK, Michel. Memória, esquecimento e silêncio, **Estudos Históricos**, p. 3-15, 1989.

_____. Memória e Identidade Social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, 1992, p. 200-212.

POSEL, Deborah. **The Making of Apartheid, 1948-1961: Conflict and Compromise.** Oxford: Clarendon Press, 1991.

TABATA, I. B. **On the Organisations of the African People.** From I.B. Tabata to Nelson Mandela, June, 1948. Disponível em: <http://www.sahistory.org.za/article/protest-challenge-documentary-history-african-politics-south-africa-1882-1964-part-two-53>. Acesso em 10 fev. 2012.

VILAKAZI, B. The Greatest Black Man of the Missionary Epoch in S. Africa. **Ilanga lase Natal**, 23 fev. 1946.

ZUMA, Jacob Gedleyihlekisa. **Celebrating 100 years of selfless struggle lecture on the founding General President of the ANC, General President John Langalibalele Dube.** 17 jan. 2012. Disponível em <http://www.anc.org.za/centenary/show.php?id=9308>. Acesso em 20 de janeiro de 2012.